

JOÃO
BOBO
E
JOÃO
ESPERTO

Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial: Darlei Zanon
Coordenação editorial: DÍlvia Ludvichak
Gerente de *design*: Danilo Alves Lima
Projeto gráfico: Merli Produções
Ilustrações: Sergio Merli
Coordenação de revisão: Tiago José Risi Leme
Preparação do original: Cícera Gabriela Sousa Martins
Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Merli, Sergio
João Bobo e João Esperto / Sergio Merli. - São Paulo : Paulus, 2023.
Il., color. (Série Teens)

ISBN 978-65-5562-929-3

1. Literatura infantojuvenil brasileira 2. Valores 3. Ética I. Título

23-3310

CDD B869.3

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura infantojuvenil brasileira



Conheça o catálogo PAULUS acessando:
paulus.com.br/loja, ou pelo QR Code acima.
Telefendas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

1ª edição, 2023

© PAULUS – 2023

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-929-3



ESPERANÇA

JOÃO
BOBO
E
JOÃO
ESPERTO



PAULUS



Com o livro, você pode encontrar o livro
que mais se adapta às suas necessidades,
com as mais variadas sugestões que me ajudaram
a montar a história deste livro.

Adriana Lima





**“A política é uma coisa indispensável.
Isso porque ela, entendida como deve
ser, é a arte do bem comum.”**

Ariano Suassuna





SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	
O CANDIDATO	10
<hr/>	
CAPÍTULO 2	
ANINHA	16
<hr/>	
CAPÍTULO 3	
O ELEITO	22
<hr/>	
CAPÍTULO 4	
A OPOSIÇÃO	26
<hr/>	
CAPÍTULO 5	
A CISTERNA VAZIA	30
<hr/>	
CAPÍTULO 6	
CORONEL JOÃO ESPERTO, O VISIONÁRIO	34
<hr/>	
CAPÍTULO 7	
O PLANO ESPERTO	38
<hr/>	
CAPÍTULO 8	
O PLANO MANHOSO	42
<hr/>	
CAPÍTULO 9	
O GUARDIÃO DA ÁGUA	46
<hr/>	



CAPÍTULO 10	
MANHOSO ENTRA EM AÇÃO	54
CAPÍTULO 11	
JOÃO E JILÓ ENTRAM EM AÇÃO NOVAMENTE	60
CAPÍTULO 12	
UM NOVO PLANO ESPERTO	68
CAPÍTULO 13	
O HORROR DO SERTÃO	74
CAPÍTULO 14	
O ATAQUE À CISTERNA	80
CAPÍTULO 15	
UM FANTASMA DO PASSADO	90
CAPÍTULO 16	
O CONFRONTO FINAL	96
CAPÍTULO 17	
UM NOVO AMANHÃ	108
SOBRE O AUTOR	118
FONTES DE PESQUISA	119

CAPÍTULO 1

O CANDIDATO



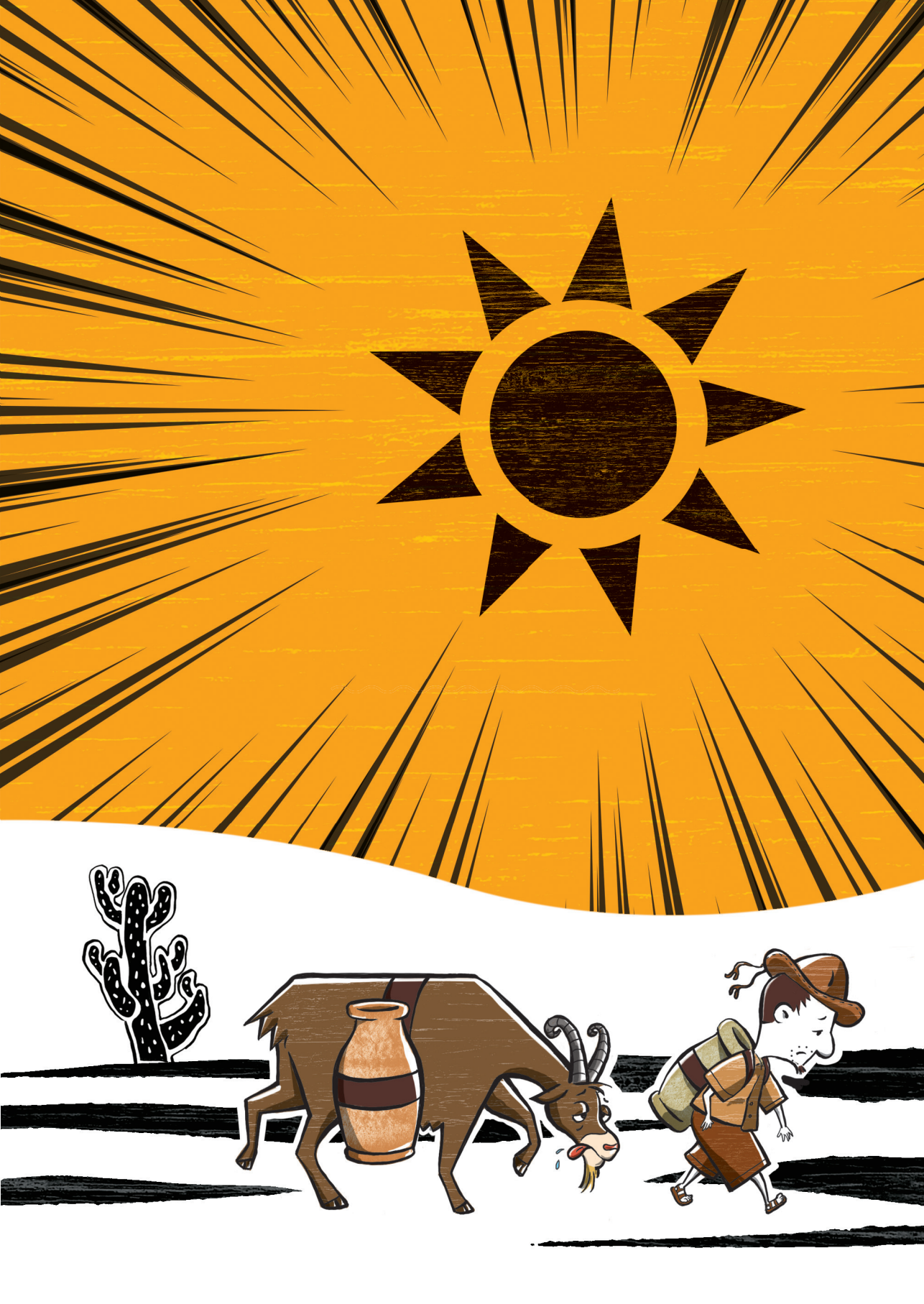
Naquela tarde, o calor estava ainda mais abrasador que no dia anterior. João Bobo, acompanhado de Jiló, seu bode de estimação, caminhava levando alguns jarros que encheria de água na fazenda Santa Rita.

Ao chegar, encontrou outros moradores queixando-se do calor, da falta de água e da vida que levavam. Era sempre a mesma história. Naquela época do ano, a seca batia sobre o sertão, a água faltava e o povo pobre da periferia tinha que caminhar longamente carregando baldes e jarros para comprar água na fazenda Santa Rita, propriedade do Coronel João Esperto.

– Oxente! Mas esse povo só sabe reclamar! – protestou Tião, capataz da fazenda do Coronel. – A verdade é que, se não fossem as benfeitorias do Coronel João Esperto, nem água vocês teriam, cambada.

– Isso é verdade – concordou a funcionária da prefeitura Dona Rosineide. – A coisa ficaria pior se não fosse essa água que o Coronel vende para nós.

– Mas bem que o preço cobrado poderia ser mais em conta, não é, Dona Rosineide? Afinal, ele deve ganhar um bom dinheiro na época da seca – protestou uma moradora da vila que, na fila, aguardava sua vez para retirar a água.



– É isso mesmo, é isso mesmo! A água poderia ser mais barata, ela tem razão – outros moradores concordaram.

– Ora, ora, o que é isso, minha gente? O que está acontecendo aqui? Será uma revolta contra mim? – exclamou o Coronel João Esperto, que chegou de repente, surpreendendo a todos.

– De jeito nenhum, Coronel – respondeu Dona Rosineide.
– Estávamos apenas comentando o quanto o povo sofre com a seca e que a água da fazenda poderia ser mais acessível à população mais pobre.

– Sim, Dona Rosineide, mas também estavam reclamando do preço cobrado pela água. Fiquem sabendo que a água pertence a minha fazenda, e, se eu quisesse, poderia simplesmente não vender para vocês, como outros fazendeiros costumam agir. Aí, sim, é que vocês ficariam na pior! – ameaçou João Esperto.

– Sabemos que o senhor jamais faria isso. Afinal, o senhor é uma alma bondosa que nunca pensaria em abandonar seu povo – disse Tião, apaziguando o ânimo do Coronel João Esperto.

– De fato, Tião, jamais abandonaria o meu povo querido de Vila Virgulina. Amo tanto meu povo que eu faria tudo o que fosse possível para ajudar – respondeu João Esperto, mais calmo.

– Nós sabemos disso, Coronel – afirmou Dona Rosineide.

– Aliás, tenho pensado muito no problema da falta de água para o povo pobre de Vila Virgulina. Não é possível que, sempre que chegamos à época da seca, meu povo tenha que tanto sofrer. Afinal, tudo o que o povo merece é ter água da melhor qualidade para beber, certo, meu povo? – perguntou o Coronel João Esperto à multidão que se acumulava diante dele.

– Certo, Coronel! – exclamaram todos.

– Não é justo que em toda época de seca o meu povo querido de Vila Virgulina seja castigado covardemente por uma insolação terrível – disse João Esperto, já em tom de discurso.



– Não, não é possível, Coronel – responderam todos, mais uma vez em sinal de apoio.

– Pois então eu, Coronel João Felismino Esperto, vou resolver essa desgraça danada que vem se abatendo, ano após ano, sobre o meu castigado povo mais humilde de Vila Virgulina. Vou me lançar candidato à prefeitura do município. Se eleito, como minha primeira medida de governo, vou mandar construir uma grande cisterna situada no bairro mais pobre, que abrigará toda a água da chuva. Será uma cisterna como nunca antes vista na história de Vila Virgulina. Ela servirá como uma reserva para atender a população mais desfavorecida, que não possui recursos ou propriedades com rios ou nascentes de água nos períodos de seca. Ninguém mais terá que comprar água de minha fazenda, e nunca mais meu povo querido sentirá essa sede *sem-vergonhenta*.

– Viva o Coronel! – ovacionou Tião, puxando o coro.

– Viva! Viva! – gritaram, animadamente, os demais.

Todos ovacionavam o novo candidato a prefeito, exceto João Bobo, que observava tudo sem entender muito bem o que ocorria. Percebendo isso, Tião perguntou:

– E você, João, por que está com essa cara de bobo?

– Eu não entendi o que o Coronel disse – respondeu ele, meio sem graça. – O que é esse negócio que ele falou?

– O quê, João?

– Esse negócio que ele disse que vai construir para guardar a água...

– Cisterna? – checkou Tião.

– Sim, isso mesmo!

– Mas você é muito bobo mesmo. Não sabe nem o que é uma cisterna? Você tinha obrigação de saber isso. Afinal,

a construção dela vai ser a primeira medida que o Coronel tomará quando for o prefeito de Vila Virgulina.

– E o que é? – insistiu João.

– Uma cisterna? Uma cisterna é... é... – disse Tião, titubeando na resposta, apressou-se em chamar Dona Rosineide para ajudar. – Dona Rosineide, por favor, explique aqui para este energúmeno o que é uma cisterna.

– Pois não, Tião, mas você não deveria chamar o João assim – protestou ela. – Uma cisterna é um reservatório, geralmente construído de alvenaria, que serve para guardar a água da chuva para ser usada, no nosso caso, nas épocas de seca na região.

– Viu, seu bocó? Isso é uma cisterna.

– Entendi. Obrigado – respondeu João Bobo.

– E não o chame de bocó também – disse Dona Rosineide, repreendendo Tião.

– Bobo ou bocó, Dona Rosineide, tanto faz. João Bobo é como o chamam desde criança – respondeu Tião. – Certa vez, ainda moleque, o tonto do João caiu na besteira de querer puxar o rabo de um bode e tomou um belo coice. Ao cair, bateu a cabeça no chão e, desde então, o povo diz que ele nunca mais foi o mesmo. Mas, cá entre nós, acho que ele já nasceu assim: boboca mesmo.

Nesse momento, Tião percebeu que Jiló, o bode, não gostou do que ele disse sobre seu dono e começou a encará-lo. O capataz engoliu em seco e achou mais prudente parar de falar mal de João Bobo. Era comum aquele bode atacar todos que ofendessem o rapaz. De tão forte e arisco, não havia quem pudesse com aquele bicho. O único a quem obedecia era o próprio João.

